

NOTA INTRODUTÓRIA: CIDADE “SENTIENTE” — UMA PAISAGEM ATONAL

INTRODUCTORY NOTE: “SENTIENT” CITY — AN ATONAL LANDSCAPE

Helena Pires

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, Portugal

Zara Pinto-Coelho

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, Portugal

Cíntia Sanmartin Fernandes

Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Da nossa ontologia faz parte o corpo. Não somos em parte corpo, mas em tudo corpo (Ihde, 2002). No sentir, no pensar, na ação. Talvez esta condição nos diferencie de outros modos do ser, designadamente do orgânico (o ser animal, o vegetal), dotados de corpo, mas não de uma necessidade tão premente do habitar, da relação com o lugar. Somos ser-aí (*Dasein*; Heidegger, 1986/2004, 1986/2005) e a nossa ontologia é relacional. O corpo protege-se, o corpo (des)fixa-se em permanência, o corpo move-se, lavrando o território percorrido, ao mesmo tempo que traçando uma geografia interior. *E-motion* (Bruno, 2007) — emoção e movimento — dita o tom duplamente dinâmico da nossa historiografia. Dir-se-á que a génese da cidade (Mumford, 1961/2004) remonta ao imperativo da proteção e da sobrevivência do corpo, função a que se junta a vocação do mito e do *décor* (função-mito-*décor*) (Pimenta, 1989). A cidade-abrigo, a cidade-templo, a cidade-jardim. Num só lugar acomodam-se (ou inquietam-se) muitos sentimentos. O medo (Bauman, 1999/2001, 2001/2003; Kovadloff, 1998), o belo (Han, 2015/2016a; Kant, 2020, a natureza-paisagem (Cauquelin, 1989; Simmel, 1913/2011), o princípio de felicidade ou o *inter-esse* (Arendt, 1958/2001). E tantos outros. Mas também múltiplos (*já*) (Perniola, 1991/1993) sentidos. O corpo transforma-se em (não)lugar *sentiente*. Instável nos seus (des)limites, miscigenado com todo o tipo de dispositivos tecnológicos, o pós-corpo interage (perguntamos, ainda ou mais do que nunca?) com a arquitetura material-virtual, com as *mediascapes* (McQuire, 2008) plantadas no espaço percorrido, imerge na humidade, na promiscuidade dos odores, na orquestração caótica de tonalidades e de paisagens acústicas, deixa-se conduzir pela experiência háptica e cinemática (Friedberg, 2002, 2006) e ainda pelo “aroma do tempo” (Han, 2014/2016b).

Será hoje a cidade um significante sem significado ou uma pura produção imaginária (Domingues, 2009). O seu “possível lateral” é talvez, ainda, um excesso. A luminosidade perene invisibiliza os objetos, os detalhes, e ameaça a visão das paisagens celestes. A polifonia de timbres e a variabilidade de frequências tanto inspira criações artísticas e acústicas (veja-se o caso da música concreta), como coloniza o tempo interior. Mais recentemente, o corpo contraiu-se de forma radical, e de um modo especial nos espaços

urbanos, fechando-se intra-muros e inibindo-se do tocar, do cheirar, do respirar, da interação dialógica. As metapaisagens e as extensões tecnológicas do sentir tornaram-se inter-trans-lugares menos arriscados e mais convidativos enquanto formas comunicativas do habitar. Assistimos ao começo do fim da experiência urbana (Felice, 2009/2012)? De que modo a organicidade e as paisagens pós-urbanas resistem ainda? Aguarda-nos um cântico surdo, lamentando a morte do corpo–cidade *sentiente*? Se a “fuga” à natureza motivou originariamente o edificado da cidade, ao mesmo tempo que o seu resgate, sob o modo de uma ideia híbrida que encerra tanto a harmonia na sua forma utópica, como a visão aterradora de um universo indomável e pré-humano, inquieta-nos hoje a (im)possibilidade do corpo-lugar e o seu “cumprir-se no devir” (Henri, 2001).

Tendo arriscado temperar esta publicação com um apelo a uma visão organicista da (pós)cidade, foi lançado o desafio de escrever sobre a urgência do (re)sentir o (pós) corpo–(pós)lugar, não esquecendo o odor das temporalidades e dos percursos, as paisagens cinestésicas, os desarranjos (in)visíveis do território sobre o qual se distende o “corpo-sem-órgãos” (Deleuze & Guattari, 1980/2001), o ser próprio imiscuído com o do lugar vivido.

Tomando o dodecafonismo como referência que inspira um certo arrojo que aqui procuramos imprimir, desejaríamos aplanar o grau da visão, dominante na nossa cultura, seriando-o numa escala equitativa (embora rica de infinita diversidade) de sentidos, reclamando para cada registo sensorial — que artificialmente confundimos (com excessiva preocupação de discernibilidade) com o olfato, a audição, o tato — uma mesma exigência e gradação tónica, inextricável no seu conjunto. O debate sobre a significância dos sentidos na experiência urbana precisa dos contributos dos estudos culturais, da comunicação em geral, cruzando fronteiras disciplinares, abordagens metodológicas e geografias, de forma a (re)constituir a concretude dessa experiência e as condições que a alimentam e tornam possível.

Do ponto de vista etimológico, o termo “sentiente”, que nesta publicação norteia a problemática de base adotada, de algum modo subjacente aos diferentes artigos/conteúdos, afim de “senciente”, advém do latim, correspondendo ao participio presente de *sentire*, “sentir” e definindo o “que sente” (Porto Editora, s.d.). Entende-se aqui o uso da palavra na sua acoplação à cidade (cidade *sentiente*), impondo-se assim perspetivar as “formas sensíveis da vida social” (Sansot, 1986) que no espaço-corpo urbano se manifestam, gerando sentires e sentimentos (*Stimmung*) que catapultam uma dada visão (cinestésica), de natureza preferencialmente fenomenológica, sobre o mundo contemporâneo, tal qual vivido no quotidiano. Com esta experiência estão comprometidas as subjetividades, as instâncias materiais do exercício relacional que define (e *tensiona*) as identidades sociais e culturais, mas também a expansão do ser sobre o seu carácter compósito, híbrido, pós-humano (Hayles, 1999). A cidade–carne que importa explanar desdobra-se, pois, em múltiplas gradações do sentir, extravasando o sentido comum que a palavra “sensível”, também neste quadro não desconsiderada, emana por si. Cidade–*sentiente* pretende afirmar-se como uma expressão, em suma, “trajetiva”, nos termos de Berque (2000), no seu sentido movente entre a subjetividade do *flanêur* e o objetual que, no contexto da deriva urbana, o co-constitui e interpela.

Por meio de um diverso conjunto de textos, que seguidamente sumariamos, deambulamos pela cidade territorial–imaginária, geográfica–virtual, real–surreal, corpo–performance, espaço–movimento, a cidade que se escuta, a cidade–luz, entre outros. São neste número contempladas variadas estações de partida rumo à produção do conhecimento sensível: a ontologia do ser e do espaço na sua correlação, as atmosferas, as ambiências e as tonalidades urbanas, as sensações e emoções; a música, os passeios sonoros e a poética em ligação com o lugar, a experiência eco-acústica urbana; as festividades e as performances de rua; a pele e os (sub)liminares transitivos; as (des)ocupações, as proximidades–distanciamentos; a luz feita carne do controlo, da vigilância e da resistência; o corpo dissonante, o corpo–ciborgue; a reinvenção das mobilidades e o contra-movimento do não-lugar...

Em “Biopolíticas da Luz nas Cidades Modernas e Contemporâneas: Do Olhar–luz Disciplinar às Luzes Operacionais de Controle”, Antoine Nicolas Gonod d’Artemare explora a forma como a implementação da iluminação pública integrou a procura de uma maior eficiência de vigilância e controle da população no espaço urbano, usando a cidade da Paris moderna como exemplo. Defende que a iluminação pública parisiense foi parte integrante da arte obscura da luz e do visível, acionada pelo poder disciplinar. E como não há poder sem resistência, o autor, no seu propósito de desnaturalizar a relação que as culturas ocidentais têm com a luz, mostra caminhos de oposição possíveis de contra-luz à visibilidade total e panóptica proporcionada pelas luzes contemporâneas, partindo do filme-instalação *Gegen-Musik* (Contra-tempo), de Harun Farocki.

Refletindo sobre a situação atual da marca-cidade Rio, Ana Teresa Gotardo e Ricardo Ferreira Freitas em “Corpos Dissonantes e as Lutas Pelo Espaço Urbano: Narrativas em Documentários Internacionais Sobre o Rio de Janeiro” propõem-se romper o imaginário do corpo perfeito atribuído à marca Rio na construção da “cidade olímpica”. Com recurso a elementos da análise fílmica e da narrativa, destacam nos documentários em análise os movimentos em busca de representação de mulheres trans e travestis, pessoas negras e pobres e pessoas com deficiência, os quais, no seu entender, interferem no espaço de luta pelo direito à cidade e pelo direito a narrar-se, mostrando outras possibilidades de existência. Ligia Dias e Julieta Leite, mantendo-se no quadro da reflexão sobre as políticas dos corpos no espaço urbano, no texto “Cidade e Performatividade: Rupturas Normativas no Espaço Público Informal — Um Estudo de Caso na Cidade do Recife”, trazem para a discussão o conceito de espaço performativo disruptivo. A investigação realizada, que inclui uma contextualização histórica e observação realizada em campo, é relativa ao entorno do Mercado de São José, na cidade do Recife, Pernambuco, Brasil e às lógicas de apropriação desse espaço público pelos trabalhadores do comércio informal. As autoras caracterizam as relações de apropriação espacial pelos corpos performativos e evidenciam como os corpos e as suas performatividades, através das suas vivências quotidianas, estão intrinsecamente ligados a modos de ser do espaço múltiplos, os quais, no seu entender, deveriam integrar as reflexões que sustentam as práticas urbanas.

O artigo que se segue resulta de uma investigação mais abrangente, realizada no bairro Lavapiés, na região central de Madrid, Espanha, por Regiane Miranda de Oliveira

Nakagawa. No texto “A Praça Nelson Mandela: Espacialidades em Fronteira”, a autora elege a praça Nelson Mandela, ponto de encontro de senegaleses e outras etnias, para explorar a forma como, na referida praça, ocorre a formação de espacialidades distintas, originadas pela diversidade de interações e ligações entre os diferentes grupos que frequentam o espaço. A ideia da fronteira semiótica em Lotman enforma o trabalho de campo realizado, que se inspirou na deriva situacionista e foi conduzido à luz dos princípios da observação participante. Fruto de um trabalho etnográfico, o artigo de Lucas Durr Missau, “Comunicação e Mobilidade: Experiências de Deslocamento Mediado em Buenos Aires”, descreve como as narrativas sobre as experiências de migração e os fluxos diários de deslocamento se articulam com a mediação de aplicações de transporte. A atenção recai nas especificidades da experiência de mobilidade de habitantes que usam aplicações de transporte para se deslocarem na cidade, para compreender como o uso dessas apps integra o quotidiano das pessoas e averiguar do papel que têm na inclusão social.

Em “Espaço Inventário, Espaço Inventado”, Frederico Augusto Vianna de Assis Pessoa privilegia a escuta ou a abertura dos ouvidos numa abordagem à cidade que visa compreender as relações sociais e a estruturação urbana que as manifesta. A cidade brasileira Belomonte, localizada no sul da Bahia, constitui o seu território de escuta, matéria a partir da qual mapeia um território de sensações e pensamentos que atravessam aquele que escuta, adicionando ao que a escuta capta, o que é vivido, refletido e entendido. Esse território é devolvido ao leitor num ensaio em que se cruza a estética literária com a reflexão racional sobre o que a experiência do mundo, mediada pela escuta, revela sobre uma cidade.

Os dois artigos que se apresentam em seguida têm como pano de fundo comum a pandemia da covid-19 vivenciada pelo mundo fora desde 2020. Em “Janelas Sonoras em Tempos de Pandemia”, Micael Herschmann e Felipe Trotta analisam o modo como as janelas foram usadas temporariamente pelos atores nas cidades como meios de intermediação entre espaços privados e públicos, com o propósito de estabelecer, através da emissão de sons, vínculos *sociocomunicacionais* relevantes. Usando o material audiovisual e narrativas recolhidas durante um estudo exploratório realizado nos média e nas redes sociais sobre o comportamento e reações dos atores durante as quarentenas da covid-19 que ocorreram em 2020 e 2021 em diversas localidades do globo (com destaque não só para os contextos do Brasil e Estados Unidos da América, mas também dos países do continente europeu), os autores evidenciam, neste movimento de viragem para as janelas e varandas, um duplo fluxo de aproximações, por via de experiências sonoras de solidariedade; e de afastamentos, por via de experiências sonoras de protesto e geradoras de disrupção social. As cidades confinadas despertaram nos que as habitam outras necessidades e desejos, nomeadamente o desejo de caminhar. “Sobre Caminhar em Confinamento”, artigo de Rui Filipe Antunes e Sílvia Pinto Coelho, explora, partindo da experiência de caminhar durante os confinamentos decretados em Portugal, a relação entre caminhar e confinamento. Para o efeito, convocam a experiência de caminhar na prática artística, exemplos de clausura em contraposição ao dever cívico

de confinamento, para refletir sobre as relações de movimento nas cidades confinadas, propondo relações de corpo–espaço–movimento.

As superfícies urbanas da cidade de Atenas durante os anos de crise económica são a matéria a partir da qual Panagiotis Ferentinos, no artigo “A Derme da Crise — Imaginando Atenas em Crise Como uma Colagem Urbana”, se propõe ler a crise e compreender como a esfera pública respondeu e reagiu a este período de declínio e recessão. Entendendo essas superfícies como constituindo a pele de Atenas, com a qual interagem os cidadãos, o autor foca-se no estudo de várias dimensões dessa pele e na forma como contribuem para a formulação de uma colagem urbana e uma *assemblage* de elementos visuais que coexistem, fazendo de Atenas um caso único de cidade *supermercada*.

O artigo “A Metrópole Carnavalizada: Os Blocos de Rua Como Performances Surrealistas e Situacionistas na Cidade do Rio de Janeiro” de André Videira de Figueiredo tem como motivo os blocos não oficiais do Carnaval de rua do Rio de Janeiro, exemplificado pelo Cordão do Boi Tolo. Articulando a análise literária, com a reflexão sociológica e a “*flânerie* etnográfica”, discute-se este carnaval de rua como uma atualização das propostas surrealista e situacionista, vendo-o, do ponto de vista estético e cultural, como experiência criativa de *performatização dos corpos* e, do ponto de vista político, como forma de resistência política e cultural que consubstancia novas ambiências e vivências que emprestam novos significados ao espaço urbano.

A encerrar o número, ainda sobre Carnaval no Brasil, mas desta feita na cidade de Maceió-al, figura o artigo de Ernani Viana da Silva Neto e Susana A. Gastal, “Turismo e Cultura: O Carnaval na Cidade de Maceió (Brasil)”. Trata-se de identificar como se organiza historicamente o Carnaval em Maceió e destacar as relações do mesmo com o campo cultural e turístico no espaço urbano, usando para o efeito dados fornecidos por entrevistas a atores locais nas referidas áreas, que põem a descoberto as intenções associadas às festividades. Os autores concluem apontando contradições entre a promoção de um Carnaval local popular e inclusivo e o incómodo causado pelo ímpeto carnavalesco, reforçadoras de estereótipos sociais e culturais e da impossibilidade de acesso às festas das camadas populares, por via da sua origem étnica.

Nas duas secções seguintes, o número integra uma entrevista a Hildegard Westerkamp, “Entrevista com Hildegard Westerkamp: ‘Quando Começamos a Ouvir o Mundo Estamos a Tratar da Vida Toda’” por Madalena Oliveira e Cláudia Martinho, e uma resenha por Tathiana Veronez, sobre o livro de Fabio La Roca, *A Cidade em Todas as Suas Formas*, publicado em 2018 pela Editora Sulina.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020.

REFERÊNCIAS

- Arendt, H. (2001). *A condição humana* (R. Raposo, Trad.). Relógio D'Água. (Trabalho original publicado em 1958)
- Bauman, Z. (2001). *A modernidade líquida* (P. Dentzien, Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1999)
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual* (P. Dentzien, Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 2001)
- Berque, A. (2000). *Médiance, de milieux en paysage*. Belin.
- Bruno, G. (2007). *Atlas of emotion. Journeys in art, architecture, and film*. Verso.
- Cauquelin, A. (1989). *L'invention du paysage*. Quadrige; PUF.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2001). *Capitalisme et schizophrénie 2. Mille Plateaux*. Les Éditions de Minuit. (Trabalho original publicado em 1980)
- Domingues, A. (2009). *A rua da estrada*. Dafne Editora.
- Felice, M. (2012). *Paisagens pós-urbanas. O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar*. Vega. (Trabalho original publicado em 2009)
- Friedberg, A. (2002). Urban mobility and cinematic visuality: The screens of Los Angeles - Endless cinema or private telematics. *Journal of Visual Culture*, 1(2), 183–204. <https://doi.org/10.1177/147041290200100203>
- Friedberg, A. (2006). *The virtual window. From Alberti to Microsoft*. MIT Press.
- Hayles, K. (1999). *How we became post-human. Virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics*. The University of Chicago Press.
- Henri, M. (2001). *Philosophie et phénoménologie du corps*. Paris: PUF.
- Kant, I. (2020). *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime. Ensaio sobre as doenças mentais*. Edições 70.
- Kovadloff, S. (1998). *Sentido y riesgo de la vida cotidiana*. Emece Editores.
- Han, B.-C. (2016a). *A salvação do belo* (M. Pereira, Trad.). Relógio D'Água. (Trabalho original publicado em 2015)
- Han, B.-C. (2016b). *O aroma do tempo. Um ensaio filosófico sobre a arte da demora*. (M. Pereira, Trad.). Relógio D'Água. (Trabalho original publicado em 2014)
- Heidegger, M. (2004). *Ser e tempo: Parte II* (M. Schuback, Trad.). Editora Vozes. (Trabalho original publicado em 1986)
- Heidegger, M. (2005). *Ser e tempo: Parte I* (M. Schuback, Trad.). Editora Vozes. (Trabalho original publicado em 1986)
- Ihde, D. (2002). *Bodies in technology*. University of Minnesota Press.
- McQuire, S. (2008). *The media city. Media, architecture and urban space*. Sage Publications.
- Mumford, L. (2004). *A cidade na história* (N. Silva, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1961)

Perniola, M. (1993). *Do sentir* (A. Guerreiro, Trad.). Editorial Presença. (Trabalho original publicado em 1991)

Pimenta, A. (1989). A cidade N. In *O imaginário da cidade (compilação das comunicações apresentadas no colóquio sobre o imaginário da cidade realizado em outubro de 1985)* (pp. 401–420). Fundação Calouste Gulbenkian.

Porto Editora. (s.d.). Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Retirado a 25 de abril de 2021 de <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/senciente>

Sansot, P. (1986). *Les formes sensibles de la vie sociale*. PUF.

Simmel, G. (2011). Filosofia da paisagem. In A. V. Serrão (Ed.), *Filosofia da paisagem. Uma antologia* (pp. 39–41). Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Helena Pires é professora associada no Departamento de Ciências da Comunicação do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Doutorou-se em ciências da comunicação, na área de semiótica da comunicação pela Universidade do Minho, em 2007. Ensina nas áreas de publicidade, arte e comunicação, tendo participado, nos últimos anos, na direção do Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura da Universidade do Minho, onde também tem lecionado. Durante 4 anos, até novembro de 2019, foi coordenadora do Grupo de Trabalho de Publicidade da Sociedade Portuguesa de Ciências da Comunicação (Sopcom). Tem publicado e desenvolvido trabalho de investigação sobre semiótica da paisagem (urbana), bem como no âmbito da comunicação, arte e cultura visual. É investigadora-membro do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS). Atualmente, é co-coordenadora do projeto Passeio – Plataforma de Arte e Cultura Urbana do CECS.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5533-4687>

Email: hpires@ics.uminho.pt

Morada: Campus de Gualtar, ICS, Universidade do Minho, 4700-057 Braga, Portugal

Zara Pinto-Coelho é professora associada do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho, onde ensina, entre outros, sociologia da comunicação e estudos do discurso. Os seus interesses de investigação incluem as teorias do discurso e as suas aplicações críticas no estudos dos média e estudos culturais, em tópicos relacionados com a participação pública, saúde ou género heterossexualidade. Atualmente, é co-coordenadora do projeto Passeio – Plataforma de Arte e Cultura Urbana do CECS.

Email: zara@ics.uminho.pt

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6651-3720>

Morada: Campus de Gualtar, ICS, Universidade do Minho, 4700-057 Braga, Portugal

Cíntia Sanmartin Fernandes é doutora em sociologia política pela Universidade Federal de Santa Catarina, tendo feito um pós-doutoramento na École des Hautes Études

en Sciences Sociales e Universidade Paul Valéry Montpellier 3 (Programa Pesquisador Visitante CAPES-PrInt) e sendo pesquisadora Prociencia (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). É professora adjunta da Faculdade de Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde também coordena o grupo de pesquisa “Comunicação, Arte e Cidade” (CNPq). É ainda autora dos seguintes livros: *Cidades Musicais* (Editora Sulina, 2018), *Música nas Ruas do Rio de Janeiro* (Editora Intercom, 2014), *Sociabilidade, Comunicação e Política* (Editora E-Papers, 2009).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7501-6387>

Email: Cintia@lagoadaconceicao.com

Morada: UERJ, Rua São Francisco Xavier, 524, 10º andar - Pavilhão João Lyra Filho – Maracanã, Rio de Janeiro – RJ, cep 20550-900

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.